



RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Soares de Carvalho Fautino ¹
Makleyde de Brito Fêlix ²

RESUMO

Entre as experiências mais fundamentais para o desenvolvimento humano podemos citar a afetividade. Importantes autores já discutiram esta questão: Jean Piaget (2005), Henri Wallon (2007), Paulo Freire (1987). Recentemente as competências socioemocionais ganhou destaque na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sendo inserida nas dez Competências Gerais da Educação Básica visando promover a saúde mental a partir do estudo das emoções. Dentro dessa perspectiva se faz necessário entender como o estudante pode ser afetado de maneira significativa. A pesquisa qualitativa bibliográfica tem por objetivo compreender como a afetividade contribui, fortalece e potencializa o processo de aprendizagem para as crianças da educação infantil, primeira etapa da educação básica. E entender qual o papel do professor no desenvolvimento da aprendizagem colocando-se como agente de transformação, o qual oportuniza experiências, para que o aluno seja o verdadeiro protagonista em toda sua formação. Contudo, para que o professor se compreenda como o mediador do processo afetivo e educativo, é preciso formação (inicial e continuada) nessa perspectiva de ensino, aprendizagem e comunicação.

Palavras-chave: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO, AFETIVIDADE, EDUCAÇÃO INFANTIL, DESENVOLVIMENTO.

¹ Pós graduação em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Inclusiva - Faculdade Metropolitana – PE, jufautino2022@gmail.com;

² Pós graduação em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pelo Centro Universitário – CESMAC – AL, Makleyde.docente@gamilcom;

INTRODUÇÃO

Entre as experiências mais fundamentais para o desenvolvimento humano podemos citar a afetividade. Importantes autores já discutiram esta questão: Jean Piaget (2005), Henri Wallon (2007), Paulo Freire (1987). Recentemente as competências socioemocionais ganhou destaque na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sendo inserida nas dez Competências Gerais da Educação Básica visando promover a saúde mental a partir do estudo das emoções.

Entre as contribuições teóricas é o conhecimento de que antes da criança adentrar na educação formal, esta passa por experiências, inclusive em relação à afetividade, bem antes do primeiro contato com a escola, por meio da interação, tanto com seus pares, como familiares.

Com o objetivo de investigar a importância da relação afetiva entre professor e aluno para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil, a pesquisa qualitativa descritiva utilizou-se da análise bibliográfica.

Desse modo, o presente artigo discorrerá sobre as concepções teóricas de diferentes autores acerca da afetividade, e posteriormente, fará uma breve apresentação do contexto histórico da Educação Infantil a fim de compreender as transformações que marcaram essa primeira etapa da educação básica, a princípio tendo ênfase apenas no assistencialismo e apoio as famílias de baixa renda. E, por fim, serão expostos os resultados da pesquisa de acordo com o documento normativo, aplicado exclusivamente à educação escolar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

METODOLOGIA

Para a construção desse artigo e afim de alcançar o objetivo de investigar a importância afetiva na relação entre professor e aluno para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil utiliza-se de uma abordagem qualitativa por meio da análise bibliográfica.

O referido apresenta primeiramente as concepções teóricas sobre afetividade. Discorre sobre a definição da Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, e um olhar sobre as aprendizagens essenciais de acordo com A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) inserida entre as dez competências gerais da educação básica e nos campos de experiências da



Educação Infantil, eixos estruturantes, para promover e assegurar os direitos da criança nessa etapa de escolarização.

AFETIVIDADE: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Em uma definição geral é possível definir afetividade como um conjunto de emoções, sensações e sentimentos inerentes aos seres humanos, pelo qual se faz presente na vida diária de cada um. Aprender e cuidar das emoções provenientes das situações nas quais o ser humano pode ser afetado pode ajudá-lo a desfrutar de uma vida emocional plena e ajustada. Pois é por meio da afetividade que o ser humano desenvolve sua personalidade.

Para Piaget o desenvolvimento cognitivo, e a afetividade não podem ser separados; (2000, p.102) embora sejam dissociáveis, pois todo o contato travado pelo ser humano com o meio requer afetividade e cognição. Segundo o autor supracitado:

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

Dessa forma, o afeto pode ser responsável pelo processo de aceleração ou retardamento do desenvolvimento das estruturas cognitivas. Pois é através das emoções de interesse e necessidade geradas pela afetividade, que o afeto torna-se capaz de impulsionar e despertar o encanto por determinada circunstância, assim o indivíduo pode acelerar o desenvolvimento de suas estruturas. Como também retardar seu desenvolvimento intelectual ao se deparar diante de uma situação onde a afetividade é seu maior empecilho.

Segundo Piaget, a afetividade não é responsável pela construção das estruturas de inteligência, porém reconhece como mecanismo que interfere em seu processo (2000, p.102). Conforme afirma o autor:

“É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente.” (Piaget, 1962/1994, p.129)

Não há possibilidade de esses aspectos funcionarem de maneira isolada, porque são complementares, de maneira que, ao favorecer o desenvolvimento dos esquemas cognitivos e afetivos através da combinação de ambos. Porém a ação humana pode sofrer interferências que são provocadas a partir de seu interior, pela carga emocional que é concentrada a dada situação ou objeto, emergindo e influenciando no externo, na circunstância de fato (PIAGET, 200, P. 102).

Outro teórico que discorre sobre o desenvolvimento humano, mas, sob a perspectiva dialética sócio histórica é Vygotsky. Em sua perspectiva, a construção de conhecimento se dá através da interação do indivíduo com o seu meio. Dessa forma, o professor assume o papel de facilitador no processo de ensino-aprendizagem, pois não ignora aquilo que seu aluno sabe e traz do seu convívio social.

Para Vygotsky, desenvolvimento intelectual ocorre da seguinte forma: real e potencial (2006, p.15). O conhecimento real trata daquilo que já faz parte da realidade ao qual o aluno já está inserido. Sendo o potencial como aquilo a qual o aluno tem a potencialidade de aprender, momento pelo qual o professor atuaria como mediador a fim de estimular a aquisição das habilidades do aluno. Sendo mediador o docente, em sua prática pedagógica, valoriza o saber de seu aluno a fim de desenvolver suas competências e habilidades a partir de experiências em novas construções de conhecimentos.

As interações sociais (entre alunos e professores) no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aqueles que permitem que o diálogo, a cooperação e troca de informações, afet, e reciprocidade.

Outra importante concepção foi apresentada por Wallon que não trata a criança de forma fragmentada: afeto, movimento e o relacionamento com o outro são indissociáveis. Para Wallon, “o desenvolvimento cognitivo é inerente ao desenvolvimento afetivo, pois acredita que o desenvolvimento psicológico se dá através das emoções, sensações, possibilitando que o aluno exteriorize seus desejos e vontades” (2006, p.13). Por meio das emoções é possível perceber a alteração da voz que se dá através da respiração, bem como os batimentos cardíacos que podem acelerar em situações de anseios e expectativas, a reação física por não ser bem recebido pelo outro até mesmo o impacto que podemos provocar por meio das atitudes que são gerenciadas pelas emoções, e por essas razões exercem importante influência na aprendizagem.

Sob concepção de Wallon, a afetividade “é a capacidade a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades



agradáveis ou desagradáveis” (2007, p.17). De acordo com sua teoria, a afetividade é dividida entre emoção, sendo esta a exteriorização da afetividade através da expressão motora; sentimento referindo-se a expressão representacional da afetividade; e por último, a paixão, responsável pelo aparecimento do autocontrole para gerir determinada situação que causa desconforto.

Em Paulo Freire encontro uma concepção que acredito corroborar os pressupostos sobre a afetividade no âmbito escolar: “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (Freire, Nascimento apud Freire 1996, p. 161)”.

Para Freire a afetividade pode estabelecer condições para o educando desenvolver suas potencialidades, conhecimentos e capacidades pelo desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento (1996, p. 161), essenciais para a importante habilidade das relações interpessoais, hoje cada vez mais determinante. E estabelece condições propícias para o processo de ensino e aprendizagem, tanto professor e aluno, como entre os alunos na sala de aula.

EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTO HISTÓRICO

Ao estudar a infância e a educação podemos observar que nem sempre as necessidades emocionais, motoras e intelectuais das crianças eram valorizadas pelos adultos. Até a década de 1980 no Brasil, a educação infantil não era considerada parte da educação básica mas ganhava destaque pelo seu caráter assistencialista voltado para as mães que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos.

O surgimento da creche e pré-escola passa a ser considerado como dever do Estado após a Constituição Federal de 1988, atendendo a crianças de zero a 6 anos de idade. Entretanto a Educação Infantil só foi integrada como parte da Educação Básica com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, e reconhecida como educação formal e não apenas assistencial as famílias carentes. Atualmente, a Educação infantil atende a faixa etária de zero a 5 anos em virtude da alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 2006, com a obrigatoriedade da matrícula apenas para crianças de 4 a 5 anos de idade nas instituições de ensino.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) fortalece e expande o direito da criança através das Dez Competências Gerais para Educação Básica e dos seis direitos de



aprendizagem e desenvolvimento durante essa primeira etapa de ensino, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para tentar compreender as concepções do educador a cerca de sua relação entre o aspecto afetivo e cognitivo dentro da sua prática pedagógica foi necessário compreender a Educação Infantil, seu surgimento e importância como primeira etapa da educação básica.

A partir desses estudos e do surgimento das competências socioemocionais incorporadas em todas as Dez Competências Gerais da Educação Básica segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) podemos perceber como as relações podem favorecer a aprendizagem da criança na sala de aula e também prepará-la para a vida além dos muros da escola.

De acordo com a oitava competência geral da Educação Básica é imprescindível o “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, P. 10). Dessa forma, conviver com realidades diferentes da qual a criança está acostumada estimula sentimentos de empatia, respeito entre outros.

Tendo em vista que o professor é o mediador desse processo se faz relevante criar estratégias para favorecer essas aprendizagens pois dependendo da abordagem do docente, a criança poderá ser afetada de forma negativa, vindo a ser prejudicada posteriormente e como resultado, não saber lidar e nem expressar suas emoções. Pois é através do diálogo e situações de conflitos que as crianças aprendem a gerenciar suas emoções e consequentemente a maneira como se deixa ser afetada, a partir de uma consciência de si, do outro e do coletivo.

A nona competência geral da educação segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, P. 10).

Por se tratar de aprendizagens essenciais para todos os alunos da educação básica e assegurados pelos direitos de aprendizagem e desenvolvimento segundo A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a afetividade contribui para o enriquecimento das aprendizagens



das crianças. Tanto para ampliar sua visão de mundo quanto para expandir seu conhecimento técnico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da revisão bibliográfica pode-se constatar que a temática em questão a respeito da afetividade deve ser considerada como fator que não só contribui, mas, também influencia no processo ensino e aprendizagem. O docente pode afetar seu educando tanto positivamente, derrubando as barreiras que impedem de desenvolver a aprendizagem. Como pode afetar negativamente, fazendo com que o aluno sintam-se incapacitado de desenvolver suas habilidades durante as atividades propostas na sala de aula. Assim sendo, a escola não deve ignorar o contexto a qual o educando está inserido, bem como, as relações entre professores e alunos.

Durante a formação inicial é importante que o docente conheça as teorias do desenvolvimento humano com o intuito de compreender seu aluno de forma integral, estabelecendo assim uma relação de afeto e diálogo entre ambos. Pois o professor é visto como o mediador durante o processo educativo. E essa capacitação deve prosseguir também nas formações continuadas tanto fora como dentro da escola.

O educador/professor precisa ter sensibilidade para que a afetividade seja presente em sua prática docente. Para tanto é de suma importância compreender o perfil do aluno na educação infantil, entendendo o funcionamento de suas estruturas mentais a fim de colaborar com seu processo de aprendizagem de forma construtiva.

Desse modo, a afetividade é relevante a compreensão acerca do processo de desenvolvimento da aprendizagem, e seus impactos na vida escolar do aluno. Visto que, o docente ultrapassa os limites que vai além da transmissão de conteúdos na sala de aula, contribui também para o desenvolvimento de caráter, da autoestima e dos esquemas cognitivos e emocionais que formam a base do desenvolvimento pleno do sujeito.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: **15 set. 2022**.
- ARANTES, V. A.. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.
- BROUGÉRE, G.. Brinquedo e cultura. Editora Cortês: São Paulo, 1995.
- CAVICCHIA, D. C.; **O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida**. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>>. Acesso em: **05 set. 2022**.
- COOL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J.. Desenvolvimento psicológico e educação. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 2 ed. Porto Alegre: **Artemed**, 2014.
- COSTA, E.. Afeto e Aprendizagem: Relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: **Wak**, E. 2008.
- FOULIN, J. N., MOUCHON, S.. Psicologia da Educação. Trad. VaniseDresh. Porto Alegre: **Artes Médicas Sul**, 2000.
- MILLER, D. F.. Orientação infantil. São Paulo: **Cengage Learning**, 2012.
- AURINO, L. F.; NADJA, M. A. R.. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/>> Acesso em: **05 set. 2022**.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: **01 set. 2022**.
- Freitas, N. G.. Pedagogia do amor: caminho da libertação na relação professor-aluno. Rio de Janeiro: **Wak**, 2000.
- LA TAILLE, Y.; Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: **Summus**, 1992.
- FREIRE, P.. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37ª ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 2008.
- VIGOTSKY. L. S.. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores L/S. Vigotsky: organizadores Michael Cole et al. Tradução: José Cipola Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

